

NÃO LEIA ESTE TEXTO! A ESCOLA DE PALO ALTO E OS PARADOXOS COMUNICACIONAIS

Gustavo Fortes Said¹
Camila Calado Lima²
Thiago Meneses Alves³

RESUMO

O presente artigo visa analisar os paradoxos da comunicação humana na sua dimensão pragmática a partir de um *corpus* variado composto por peças publicitárias, canções populares, dentre outros. Antes da análise, é feita uma contextualização a respeito do papel importante do conjunto de autores vinculados à Escola de Palo Alto nos avanços para a problematização sistêmica do processo comunicativo, assim como das peculiaridades dos paradoxos comunicacionais na sua dimensão pragmática, nomeadamente no que diz respeito às conseqüentes patologias psiquiátricas que podem vir a ser ativadas. Após a análise, é possível argumentar sobre a complexidade da comunicação, que deve ser entendida como um processo circular e multidimensional, muitas vezes dotada de um forte teor contraditório que acaba por repercutir diretamente no comportamento dos agentes em contextos de interação.

PALAVRAS-CHAVE

Escola de Palo Alto. Nova Comunicação. Pragmática da Comunicação. Paradoxos Comunicacionais.

1 INTRODUÇÃO

“Esta afirmação é falsa!”. Se o enunciador diz a verdade, a frase é realmente falsa. Mas se o enunciador mente, a frase é verdadeira. Por muito tempo, paradoxos como este despertaram o interesse de pensadores de várias áreas, desde a Lógica, passando pela Matemática, pela Linguística, até chegar à Comunicação, quando, em meados do século XX, impulsionaram o biólogo e antropólogo Gregory Bateson a elaborar uma *nova teoria da comunicação*, que recebeu distintas denominações: Escola de Palo Alto, Colégio Invisível e Nova Comunicação.

¹ Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Professor Titular da Universidade Federal do Piauí. E-mail: gsaid@uol.com.br.

² Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-Pós/UFRJ). E-mail: camilacalado.ufrj@gmail.com.

³ Doutor em Sociologia pela Universidade do Porto (2017). E-mail: thiagomeneses85@gmail.com.

Surgida no início da década de 1940, a Escola de Palo Alto consistiu numa articulação interdisciplinar entre pesquisadores de áreas diversas, como psiquiatria, antropologia, linguística, matemática e sociologia, propondo uma alternativa ao modelo matemático da comunicação, de Claude Shannon, a partir de uma problematização circular e sistêmica do processo comunicativo, igualando o grau de importância do receptor, antes dispensado na problematização contida no modelo matemático. Dentro desta perspectiva, são três as hipóteses a respeito do fenômeno comunicacional: a essência da comunicação consiste, sobretudo, nas interações travadas entre emissor e receptor; todo e qualquer comportamento humano configura comunicação; é possível traçar uma “lógica da comunicação” a partir da observação sistematizada de mensagens sucessivas num determinado contexto interacional (MATTELART, 2005, p. 67-69).

Bateson buscava inscrever a comunicação – enquanto prática – no centro de outras abordagens teóricas, percebendo-a como a matriz de todas as atividades humanas. Distanciava-se, assim, das principais teorizações da época, rompendo especialmente com o entendimento da comunicação como atividade fundada numa lógica formal voltada à tentativa de anulação das incertezas de uma dada situação – o pressuposto básico da Teoria da Informação defendia que só há comunicação quando há incerteza, logo, a comunicação se torna a medida da incerteza de uma situação.

Desde os primórdios do século XX, o estudo da comunicação se caracterizou pela necessidade de enquadramento de seu objeto de estudo num *frame* teórico capaz de apreendê-lo racionalmente, dado o suposto caráter previsível, planejável e lógico da comunicação, sem que houvesse qualquer possibilidade de contradição. A formalização das linguagens, até meados do século XX, sobretudo a partir dos estudos estruturalistas, havia provocado a reificação das estruturas e a afirmação desse princípio: dentro dos quadros do código utilizado, a mensagem só pode significar o que se pretende que ela signifique. A comunicação tornaria as relações transparentes; conhecendo as suas regras, tudo seria previsível e controlável. Bateson constata, entretanto, que esta comunicação autorreguladora é insuficiente para dar conta da ação interior de cada indivíduo (CENTENO, 2009).

Opondo-se ao pressuposto de que as trocas comunicacionais podem ser mensuradas estatisticamente e baseando-se nos conceitos de sistema aberto, da Teoria Geral dos Sistemas, e de *feedback* (retroalimentação), da Cibernética, o pensamento dos teóricos de Palo Alto conduz à investigação dos paradoxos comunicacionais, entendidos como desvio do processo de autorregulação sistêmica. Para Bateson, uma situação de comunicação só pode ser entendida como parte de um sistema e também enquanto sistema autorregulável pela ação dos sujeitos e do meio ou contexto em que tal situação acontece. Portanto, a retroalimentação – troca de informação entre as partes do sistema e desse com o meio – torna possível a autorregulação dos sistemas abertos, uma vez que eles tendem à desordem.

A partir de uma abordagem comunicacional, e tomando como pressuposto básico a ideia de uma abordagem sistêmica e autoreguladora, a Escola de Palo Alto passou a exercer um papel importante nos estudos de patologias mentais, notadamente a esquizofrenia. O foco destas incursões eram os paradoxos e demais contradições dos processos comunicativos. (CENTENO, 2009, p. 11).

Um paradoxo comunicacional acontece quando a mensagem gera um conflito entre seu conteúdo e a ordem ou o comando repassado. Assim, a troca de informação que deveria regular o sistema põe em conflito suas partes, provocando uma desordem até certo ponto irreversível, como nos casos de esquizofrenia, que, segundo Bateson, decorrem de um problema de metacomunicação: numa relação interpessoal marcada por proximidade, intimidade e afeição, um dos sujeitos, atendo-se à literalidade da mensagem, não percebe outros quadros de sentido e, assim, já não consegue metacomunicar ou ultrapassar os sentidos explicitados no uso do código linguístico. Gera-se, então, uma confusão, uma ambiguidade ou um contrassenso na interpretação da mensagem, o que pode provocar *a posteriori* um surto delirante.

Dessa forma, Bateson chama a atenção para a relação entre o nível pragmático da comunicação – as interpretações e as ações individuais que daí decorrem – e os paradoxos comunicacionais. Embora os casos de paradoxo aconteçam mais frequentemente no berço da comunicação familiar-afetiva, é possível identificar muitos exemplos em situações cotidianas.

O presente artigo pretende discutir o tema, fazendo uso de mensagens que revelam paradoxos comunicacionais. O texto utiliza um corpus aleatório, uma vez que lida com observações feitas no cotidiano em que todos estão expostos a milhares de mensagens. Existe, claro, uma preocupação em observar esses paradoxos dentro da esfera midiática. Contudo, isso não quer dizer que os exemplos usados no decorrer do texto se resumirão à produção dos meios de comunicação. O recorte não obedece a regras de espaço, gênero textual ou tempo, as mensagens vão aparecendo de acordo com a observação cotidiana dos pesquisadores sem necessariamente pertencerem a um meio específico, a uma data pré-estabelecida ou a um tipo único. A proposta é, assim, descrever algumas situações – em mensagens publicitárias, letras musicais e diálogos interpessoais cotidianos – em que se constrói ou se revela um paradoxo comunicacional no qual se diz algo (uma mensagem) e se provoca uma reação (comando) diferente do seu conteúdo.

O artigo está dividido em duas partes. A primeira contempla uma discussão teórica sobre os estudos do Colégio Invisível e a segunda detalha os exemplos de paradoxos coletados.

2 O LEGADO TEÓRICO DA ESCOLA DE PALO ALTO PARA OS ESTUDOS DA COMUNICAÇÃO

A Escola de Palo Alto teve como mentor intelectual o biólogo e antropólogo inglês Gregory Bateson (1904-1980). Como epistemólogo e pensador sistêmico, ele defendia um paradigma comunicacional que destoava das premissas então vigentes, aquelas ligadas ao modelo Matemático da Informação, em que um emissor *A* enviava uma mensagem ao receptor *B* com possibilidades de sanar as indagações de *B* com cem por cento de efetividade, desde que a mensagem fosse corretamente transmitida. Para ele, qualquer troca de mensagens, por mais aparentemente simples, não é óbvia. As palavras (o verbal) correspondem à parte menos interessante (e menos reveladora) dos sentidos da mensagem.

Num célebre estudo, denominado *Toward a Theory of Schizophrenia*, publicado em 1956 e assinado por Don D. Jackson, J. Haley, J.H. Weakland, além de Bateson, os autores afirmam que a intensidade das inter-relações pessoais produz mensagens complexas que

ultrapassam o nível verbal, o nível lógico, mais evidente, e se estendem a níveis mais abstratos que interferem no comportamento humano.

Ciro Marcondes Filho (2006, p. 97) diz que Bateson “[...] não se deixa iludir pela aparência de comunicação em situações em que ela quase não ocorre. Para ele, a fala, o discurso expresso, o texto não significam muita coisa”. Trata-se não do sentido explícito que as mensagens podem ter, mas dos jogos e dinâmicas que revelam significados subjacentes às mesmas, ou seja, o nível interpretativo que se situa para além da literalidade de um texto.

Tradicionalmente, o estudo da comunicação humana pode ser subdividido em três áreas: sintaxe, que abrange os problemas de transmissão de informação; semântica, preocupada com o significado da mensagem; e pragmática, que estuda os efeitos comportamentais da comunicação. O grupo de Bateson preocupava-se com o estudo das interações humanas, dos comportamentos comunicacionais, das inter-relações pessoais, a partir de um âmbito de observação amplo que inclui o contexto de ocorrência do fenômeno (WATZLAWICK; BEAVIN; JACKSON, 2007). Todo comportamento passa, assim, a ser entendido como comunicação e os problemas psíquicos (decorrentes dessas ‘falhas’ na comunicação) podem ser atribuídos a impasses das mais distintas ordens.

Watzlawick, Beavin e Jackson (2007) apresentam cinco axiomas da pragmática da comunicação: (i) a impossibilidade de não comunicar; (ii) os conteúdos e níveis de relação na comunicação; (iii) pontuação e a sequência de eventos; (iv) comunicação analógica e digital; (v) interação simétrica e complementar.

No primeiro axioma, o comportamento pessoal tem valor de mensagem, sendo entendido, portanto, como comunicação. Não há um não-comportamento e, sendo assim, não existe a não-comunicação, pois qualquer ação, palavra, silêncio ou simples olhar tem valor de mensagem e, por isso, comunica. Todo comportamento é comunicação e toda comunicação afeta o comportamento. Qualquer que seja a reação de *B* em relação à mensagem de *A*, ele estará comunicando, mesmo com o desejo de não comunicar. Diante da emissão da mensagem de *A* e do desejo de evitar o compromisso comunicacional por parte de *B*, o mesmo tem quatro reações possíveis: rejeição, aceitação, desqualificação ou formação do sintoma – concebido como mensagem não-verbal pela teoria da comunicação.

Outro axioma é que toda comunicação tem dois níveis: conteúdo e relação. “Uma comunicação não só transmite informação, mas, ao mesmo tempo, impõe um comportamento”, operações conhecidas como os aspectos de “relato” e “ordem” (WATZLAWICK; BEAVIN; JACKSON, 2007, p. 47). O primeiro aspecto transmite informação, conteúdo da comunicação, enquanto o segundo refere-se à mensagem e como a comunicação deve ser entendida, referindo-se, em última instância, às relações entre os comunicantes. “Toda a comunicação tem um aspecto de conteúdo e um aspecto de comunicação tais que o segundo classifica o primeiro e é, portanto, uma metacomunicação”. (WATZLAWICK; BEAVIN; JACKSON, 2007, p. 50). O aspecto relacional é uma comunicação sobre uma comunicação, classifica o aspecto de conteúdo, fornecendo pistas que orientam a maneira como a informação deve ser percebida. As possibilidades de interpretação das mensagens podem resultar em ambiguidades, comuns na linguagem escrita e também nos casos dos paradoxos comunicacionais, a exemplo do letreiro “Despreze este aviso”. (WATZLAWICK; BEAVIN; JACKSON, 2007).

O terceiro axioma refere-se à interação entre comunicantes, propondo que uma série de comunicações não é uma sequência ininterrupta de trocas, uma vez que os participantes introduzem a pontuação na sequência de eventos de acordo com seus interesses. Nos casos em que pelo menos um dos comunicantes não apresenta o mesmo domínio de informação do outro, mas não o sabe, ocorre discrepância na pontuação de sequência de eventos, o que pode implicar em impasses interacionais, como nas situações de *profecia auto-cumpridora*, que, grosso modo, acontece quando um dos interlocutores cumpre um comportamento ou uma ação proferida a seu respeito. Um exemplo clássico usado pela maioria dos pesquisadores da área é do comportamento de uma adolescente que, por acreditar que ninguém gosta dela, age de maneira desconfiada defensiva ou agressiva, forçando os outros a adotar atitudes compatíveis e não reagirem de modo amigável.

O quarto axioma diz respeito aos dois tipos de comunicação existentes: analógico e digital. Quando utilizamos uma palavra para designar algo, essa comunicação é digital, uma vez que foi arbitrariamente criada, como um código binário dos computadores – esta comunicação é codificada e essencialmente verbal. Por outro lado, quando utilizamos a semelhança autoexplicativa – apontar para um gato ou desenhar um gato ao invés de utilizar a palavra “gato” para comunicar –, a comunicação se dá num nível analógico. A comunicação

analógica é a não-verbal, abrangendo gestos, inflexão de voz e cadência das palavras. Retomando o segundo axioma, vale dizer que toda comunicação tem um aspecto de conteúdo transmitido digitalmente e um relacional, de natureza analógica. Num processo interacional, torna-se impossível haver tradução do modo digital para o analógico e vice-versa, sem que haja comprometimento da informação.

Em 1935, junto com Margaret Mead, Bateson observou um fenômeno interacional na tribo latmul, na Nova Guiné, e o denominou *cismogênese*, definindo como um processo de diferenciação nas normas de comportamento individual resultante da interação cumulativa entre indivíduos, podendo ser complementar ou simétrica, conforme se baseiam na igualdade ou na diferença. Este fenômeno descrito por Bateson, em resumo, refere-se às reações de um comunicante ao comportamento do outro e aos efeitos dessas reações no comportamento do primeiro. A cismogênese pode ser de caráter simétrico ou complementar. As interações são simétricas quando os comunicantes tendem a refletir sobre o comportamento do outro, caracterizando-se pela igualdade e pela minimização das diferenças, podendo culminar em uma competição entre as partes. Centeno (2009) exemplifica a cismogênese simétrica citando as rivalidades internacionais. Entretanto, quando ocorrem uma maximização das diferenças e uma minimização das semelhanças, e o padrão de um parceiro complementa o do outro, as interações são consideradas complementares. Nesse tipo de interação complementar, usualmente, um parceiro ocupa a posição dominante, enquanto o outro assume a secundária, submissa, o que, em casos de complementaridade rígida, pode ocasionar a desconfirmação do *eu* pelo *outro*. Sobre isso, Centeno (2009) diz que as lutas de classes numa mesma comunidade correspondem a tipos de cismogênese complementar.

Como se percebe pela discussão acima, que contribui para evidenciar a complexidade e a diversidade das análises do Colégio Invisível, esses estudos sobre a Comunicação introduziram novas problemáticas, especialmente no que diz respeito aos paradoxos e às contradições das mensagens. Os paradoxos comunicacionais são uma forma de desvio no processo de autorregulação sistêmica. Em outras palavras, um paradoxo comunicacional acontece quando a mensagem gera um conflito entre seu conteúdo e a ordem ou comando repassado. Assim, a troca de informação que deveria regular o sistema põe em conflito suas partes, provocando uma desordem até certo ponto irreversível, como nos casos de

esquizofrenia, que decorrem de um problema de metacomunicação: o sujeito já não consegue metacomunicar e, então, entra em surto delirante. Neste sentido, o paradoxo pode ser entendido como uma “contradição que resulta de uma dedução correta a partir de premissas coerentes”. (WATZLAWICK; BEAVIN; JACKSON, 2007, p. 169).

Os paradoxos são de três ordens: lógico-matemáticos, cuja incidência se dá em sistemas formalizados; semânticos, incoerências presentes no âmbito do pensamento e da linguagem; pragmáticos, que ocorrem nas interações em desenvolvimento e que possuem repercussão direta no comportamento dos envolvidos.

Esta pesquisa concentra sua análise exclusivamente nos paradoxos pragmáticos, divididos em *injunções paradoxais* e *predições paradoxais*. “Seja espontâneo” é um exemplo de injunção paradoxal, que coloca o comunicante em uma situação insustentável, uma vez que nunca agirá de maneira espontânea mediante a ordem para sê-lo. Watzlawick, Beavin e Jackson (2007, p. 180) destacam que o indivíduo “teria de ser espontâneo dentro de um quadro de submissão, de não espontaneidade”. Desta maneira, “se a mensagem é uma intimação, deve ser desobedecida para ser obedecida; se é uma definição do eu ou de outro; a pessoa assim definida só é essa espécie de pessoa se não o for, e não é se o for”. (WATZLAWICK; BEAVIN; JACKSON, 2007, p.192). Já as predições paradoxais, a exemplo da mensagem “Ignore este sinal”, levam a uma resposta comportamental “que sugere a inércia e a abulia típicas da esquizofrenia simples”. (WATZLAWICK; BEAVIN; JACKSON, 2007, p. 202)

A situação, base dos paradoxos pragmáticos, em que o interlocutor fica sem saída diante das alternativas propostas, é denominada de *double bind*. Cilada da comunicação, essa situação expressa um duplo vínculo com a mensagem, ou seja, é a falência da própria escolha. Nos casos de *duplo vínculo*, qualquer que seja a alternativa assumida pelo interlocutor, a ação que daí decorre será sempre a mesma: o sujeito se torna prisioneiro da própria mensagem.

Ciro Marcondes Filho (2006) afirma que o *double bind* é comum em famílias nas quais um dos filhos é tido como esquizofrênico. Para Bateson (1985) a esquizofrenia é, antes de tudo, uma patologia de cunho relacional. No caso da mãe e de um filho, por exemplo, trata-se de um conjunto de mensagens retroalimentadas que desencadeiam comportamentos

diferentes do esperado para ambos, ocasionando o *double bind*. Através de um exemplo a visualização do duplo vínculo é mais nítida:

Numa outra cena, um jovem esquizofrênico é visitado por sua mãe no hospital, fica feliz em vê-la e põe impulsivamente os braços em seu ombro. Mas a mãe enrijece, o que faz com que o jovem retire o braço. Daí ela pergunta, numa cena genuinamente de *double bind*: “Você não me ama mais?” e isso o faz ruborizar-se. E ela continua: “Querido, não precisa ficar sem graça tão facilmente, nem ter medo de seus sentimentos”. O paciente só conseguiu permanecer com ela alguns minutos, e após sua partida ele agrediu um funcionário e teve de ser levado. Para Bateson, tudo poderia ter sido evitado se ele conseguisse falar à mãe que ela estava incomodada com o braço dele em seus ombros e que ela tem dificuldade em aceitar seus gestos afetivos. Mas isso lhe é impossível: a dependência e o adestramento dele a *double bind* são muito intensos; ele não pode comentar o comportamento dela, se bem que ela comente o dele e o force a aceitar sua interpretação (MARCONDES FILHO, 2006, p. 104)

Casos assim não se resumem somente aos jovens esquizofrênicos. Marcondes Filho dá outro exemplo, desta vez envolvendo uma criança:

Bateson cita o exemplo de uma mãe que está incomodada com a criança e em vez de dizer: “Saia da minha frente, não quero mais vê-la!”, diz: “Vá para cama, querido, você está cansado”. Essa última declaração, claramente afetiva, encobre o sentimento real intolerante, contido nas expressões, nos gestos e na postura metacomunicacional da mãe. A criança percebe as duas coisas, mas se leva às últimas conseqüências, então tem de reconhecer que a mãe não a quer e a está trapaceando. Logo, a identificação correta do comportamento da mãe é, para ela, um castigo. O que ela vai fazer, então, é evitá-lo, aceitando que “está cansada” e descartando que esteja decepcionada com a mãe. Assim, para sobreviver com a mãe, ela tem de interpretar sempre de forma errada as suas próprias mensagens internas, assim como as dos outros. Punida por discriminar de forma correta aquilo que a mãe está expressando e punida por discriminar de forma incorreta, ela é capturada na dupla cilada (MARCONDES FILHO, 2006, p. 103).

Como se percebe, o sujeito permanece num impasse, sem saber como decidir, pois está encerrado em questões que não consegue responder. Incapaz de decifrar a mensagem e, por conseqüência, de dar uma resposta coerente a duas ordens contraditórias, emitidas em simultâneo por uma só pessoa ou por indivíduos distintos, o sujeito entraria, segundo Bateson, num estado psicótico.

3 PARADOXOS NO COTIDIANO COMUNICACIONAL

Embora a mensagem paradoxal possua significado lógico, não há como reagir de maneira lógica e não-paradoxal. Há que se ressaltar, contudo, que o conceito de duplo vínculo, tal qual pensado pelos teóricos de Palo Alto, se aplica a situações de extremo e

intenso envolvimento afetivo, geralmente no bojo das relações familiares. Na comunicação materna podem ser encontrados diversos exemplos de situações paradoxais, como observou Greenburg (apud WATZLAWICK; BEAVIN; JACKSON, 2007). Geralmente, são situações que provocam no sujeito a ideia de que, nesse jogo sem saída, ele sempre sairá perdendo. No decorrer de uma audiência sobre a guarda do filho de um casal em processo de divórcio em Teresina-PI, com olhar lacrimejante e uma voz trêmula, mas ao mesmo tempo imperativa, a mãe fala para a criança: “Eu quero te ajudar, estou aqui para te ajudar, mas você tem que decidir. Você vai ter que escolher com quem ficar. Você gosta de mim ou do seu pai?”. Neste caso, a mensagem, na sua estrutura sintática e na sua semântica, não é paradoxal, mas o paradoxo é revelado no contexto da comunicação, em níveis mais abstratos, uma vez que qualquer que seja a escolha do filho implicará em negação do afeto à outra parte, associada ao sentimento de preferência/renegação. Além disso, a escolha da criança culminará no pensamento de que a outra opção também era válida e poderia ser melhor. A ajuda oferecida pela mãe, corroborada e também traída pelos sentimentos revelados no olhar e na voz, é na verdade o artilho no qual se insere o demandado, porque a mensagem já implica numa adesão por parte da criança (nesse contexto de cumplicidade de laços afetivos e de extrema sensibilidade, é pouco provável que a criança tenha coragem de reagir negativamente à mensagem dirigida pela genitora). Se a mãe de fato o ajudasse, não sobraria para o jovem o sentimento de culpa que a decisão, em qualquer de suas alternativas, vai provocar. Ela o submete ao drama e à culpa de ter que optar por um dos genitores. Se ele aceitar sua ajuda, rende-se a seus encantos e nega qualquer afeição ao pai. Se não aceitar, ele tem que tomar uma decisão como se fosse um indivíduo autônomo e independente, senhor de suas vontades, porém culpado por ter traído o sentimento que lhe foi dirigido pela mensagem tão ambígua: “se ela gosta de mim, por que me impõe essa dor da escolha?” Faça isso ou faça aquilo, escolha um ou outro, não importa, pois para a criança é inevitável a punição, assumida como sendo ou a negação do amor pela mãe (se a criança decidir ficar com o pai) ou a retirada da ajuda proposta pela autoridade da mãe (que, na verdade, já não ajuda a criança ao impor a ela decisão tão complicada). Trata-se de um círculo vicioso, de um problema metacomunicacional, no qual a criança tem que negar seu sentimento por uma das partes (um dos genitores) para afirmar o afeto pela outra,

interpretando erroneamente sua mensagem interna (ele gosta dos dois, mesmo que tenha que optar).

Alguns exemplos de paradoxos comunicacionais podem não se referir a contextos familiares nos quais a relação entre os interlocutores é marcada por profunda dependência e por altas doses de afeição. Não obstante, expressam aspectos contraditórios da elaboração de certas mensagens, como na ocasião em que, numa sala de aula, a professora pede aos alunos: “Façam uma frase no modo interrogativo”. A seguir, os alunos fazem a leitura das frases escritas. Um aluno lê: “Quando você morreu?” Do ponto de vista da lógica gramatical, de sua sintaxe e de sua semântica, essa é, sim, uma frase interrogativa. No entanto, o paradoxo que ela expressa só pode ser resolvido num outro nível de abstração, no nível pragmático, das interpretações feitas e das ações provocadas, ou seja, se transcender os limites da mensagem, pois ali no rigor da sentença gramatical reside a sua quase ignorada contradição: é possível perguntar isso a alguém e esperar dele a resposta? É possível perguntar a alguém que já morreu quando foi a sua morte? Mais: o que faz o interrogante quando não obtém a esperada e impossível resposta? Que ação decorre daí, depois de uma não-resposta, um silêncio sepulcral bastante incômodo? É minimamente curioso o fato de que em uma situação análoga a essa, na qual o falecido é uma pessoa da intimidade do interrogante, durante o velório do corpo, ao pé da urna funerária, num ato de desespero e dor extrema que rege a cena comunicacional, esse mesmo interrogante questione, quase de forma delirante e eivada de emoção negativa: “Por que você morreu?” O fato de querer arrancar do corpo inerte uma resposta que amenize a intensa dor da perda, a obviedade da previsível mas esperada resposta silenciosa do mesmo corpo, tudo isso revela o contrassenso de um diálogo fantasiado como possível e o delírio que a cena comporta? Constatando o insucesso de seu apelo, comumente se pode observar nessa situação de desespero e extrema vulnerabilidade emocional a recorrência insistente da mesma pergunta, numa espécie de *loop* infinito: “por que você morreu, por que, por que...?” Observe-se ainda uma inversão: nesse caso, não é aquele que é demandado que entra no duplo vínculo, mas, ao contrário, aquele que elabora a pergunta. Para esse último, não haverá nunca uma resposta, o que sugere que as duas alternativas apresentadas - perguntar ou não perguntar – são equivalentes.

Uma mensagem paradoxal provoca uma reação e um comportamento conflitantes, porque as alternativas oferecidas se equivalem, ou seja: não há saída apropriada para um dos interlocutores uma vez que qualquer resposta dada – ou não dada – provoca o mesmo efeito. Tome-se como exemplo um cartaz de divulgação de um curso de cinema, com o título “Não leia este anúncio”. Para obedecer à peça publicitária, é preciso primeiro desobedecê-la. Só há uma saída: não ler. “Destituída de significação lógica, ela constitui uma realidade pragmática”. (WATZLAWICK; BEAVIN; JACKSON, 2007, p. 192)

A opção por conteúdos de caráter paradoxal em mensagens publicitárias pode ser entendida como uma estratégia de comunicação persuasiva, uma vez que o jogo entre conteúdo/ordem funciona como recurso para atrair a atenção do público e, no caso do cartaz citado, serve também para despertar interesse pela totalidade da peça. Nestes casos, dada a impessoalidade da peça, porque não há interlocutores emocionalmente envolvidos com o contexto comunicacional, há *double bind* sem que os efeitos sejam danosos para os participantes.

Ilustrativo ainda do tipo de paradoxo aqui citado é o caso de um *outdoor* instalado no final dos anos 90 entre duas pontes sobre o rio Poti, em Teresina-Piauí, ligando a Avenida Frei Serafim à Avenida João XIII. Como um pisca-pisca ininterrupto, a mensagem da campanha educativa de prevenção a acidentes no trânsito dizia: “Preste atenção ao trânsito!”. Ora, o motorista que quisesse prestar atenção ao trânsito jamais deveria ler a mensagem, pois essa, ao anunciar a necessidade de estar atento ao trânsito, desviava o olhar do motorista para a própria mensagem. Nesta peça publicitária, ordem e conteúdo não se coadunam e, assim como o exemplo anterior, criam um paradoxo: a leitura da mensagem provoca algo diferente do que é requerido pelo seu conteúdo. Assim, ao atingir o público, a mensagem leva a um comportamento – desvio do olhar – que destoa da própria ordem que o conteúdo requeria.

Neste mesmo prisma, um paradoxo pragmático pode ser notado em trecho de uma música da banda Engenheiros do Hawaii: “Ouça o que eu digo: não ouça ninguém”. As duas ordens que podem ser extraídas da mensagem – (a) escute o que eu digo e (b) você não deve ouvir ninguém – se excluem mutuamente. Não dá para não reagir à mensagem, mas, ao mesmo tempo, não há como reagir não-paradoxalmente a ela.

Na sabedoria popular, também é possível encontrar exemplos de paradoxos comunicacionais em pelo menos dois ditados. No primeiro, “se correr o bicho pega, se ficar o bicho come”, fica evidente o aprisionamento do sujeito pela própria mensagem. Não há escape possível. O segundo ditado “morde e assopra” aponta para o caráter contraditório do comportamento de um indivíduo, que diz algo ofensivo e, logo em seguida, tenta agradar seu interlocutor.

4 CONCLUSÃO

Bateson e seus seguidores foram responsáveis pela quebra de paradigma nos estudos da Comunicação e da Psiquiatria ao afirmarem que a comunicação é a matriz social da psiquiatria. Esta é uma afirmação muito peculiar e significativa, primeiro porque, obviamente, aproxima e mobiliza dois campos teóricos bastante diversificados e, depois, porque insere a comunicação, enquanto prática, pensada como matriz social, no bojo da dinâmica sócio-simbólica, responsável pela articulação entre o individual e o social e definidora dos aspectos físicos, intrapessoais, interpessoais e culturais dos acontecimentos. Isso posto, a comunicação passa a ser entendida como matriz para entender as demais atividades humanas, e qualquer processo comunicacional passa a ser complexo e repleto de camadas de abstração. Essa postura epistemológica tem sua importância maximizada quando posta junto aos contextos sociais atuais. Na era da informação e da objetividade em que supostamente se vive hoje, muitas mensagens emitidas – especialmente pelos meios de comunicação – são revestidas de uma dada transparência que no fundo é falsa. A comunicação é também da ordem do contraditório.

Em todos os paradoxos comunicacionais relatados neste texto, só há uma saída: não ser tocado pela mensagem. Uma vez tocado por ela, não há o que fazer: o comportamento que daí deriva tem um aspecto paradoxal com a mensagem. A comunicação deve ser analisada, portanto, a partir de uma lógica paradoxal que revela as contradições que certas mensagens comportam. A lógica formal, cartesiana, permite perceber a comunicação apenas dentro de quadros de coerência que não permitem explicar, por seu turno, certas situações, como as descritas nesta pesquisa.

A grande contribuição da Escola de Palo Alto se dá em nível epistemológico. Ao se afastar do modelo linear do paradigma matemático da comunicação, partindo para uma abordagem sistêmica, a Escola de Palo Alto contribuiu para a problematização complexa do fenômeno comunicativo, ao invés de ressaltar apenas alguns elementos deste processo. É neste sentido que “à noção de comunicação isolada como ato verbal consciente e voluntário, que subjaz a teoria funcionalista, opõe-se a ideia da comunicação como processo social permanente que integra múltiplos modos de comportamento” (MATTELART, 2005, p. 70). Em linhas gerais, isso significa a inserção nas análises do contexto onde ocorrem as interações, deslocando a tendência que se concentrava essencialmente sobre os conteúdos, e incluindo nas análises elementos não-verbais importantes (gestos, trejeitos, condições específicas do contexto social de interação e etc.). Em termos mais específicos, essas rupturas promovidas pela Escola de Palo Alto significaram a possibilidade de pensar a comunicação a partir de outro tipo de lógica, aquela que comporta a contradição no nível pragmático, para além dos aspectos sintático e semântico.

REFERÊNCIAS

- BATESON, Gregory. **Natureza e Espírito: uma unidade necessária**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1987.
- CENTENO, Maria João. **O conceito de comunicação na obra de Bateson**. Covilhã: Livros LabCom, 2009.
- MARCONDES FILHO, Ciro Juvenal Rodrigues. **O silêncio na sala**. Sobre o declínio da comunicação na convivência conjugal. São Paulo in *Comunicação, Mídia e Consumo*, v. 3, p. 95-127, 2006.
- MATELLART, Armand e Michèle. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- SAMAIN, Etienne. **Gregory Bateson: rumo uma epistemologia da comunicação**. In: *Ciberlegenda*, n. 05, 2001.
- WATZLAWICK, Paul; BEAVIN, Janet Helmick; JACKSON, Don D. **Pragmática da comunicação humana: um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação**. São Paulo: Cultrix, 2007.
- WINKIN, Yves. **A nova comunicação – da teoria ao trabalho de campo**. Campinas: Papirus, 1998.

Don't read this text!

The palo alto school and the paradoxes of communication

ABSTRACT

The article analyzes the paradoxes of human communication in its pragmatic dimension from a varied corpus composed by advertisement pieces, popular songs etc. Before the analysis, it was made a contextualization about the importance of researches developed in the Palo Alto School regarding the systemic perspective of the communication process and the peculiarities of the communication paradoxes in its pragmatic dimension, namely about psychiatric pathologies that can be activated from these events. After the analysis it is possible to argue about the complexity of communication, that have to be understood as a rotate and multidimensional process, many times composed of a strong contradictory content, that reverberate directly in the agents's behavior in interaction contexts.

Keywords: Palo Alto School. New Communication. Pragmatic of Communication. Communication Paradoxes.

¡No lea este texto!

La escuela de Palo Alto y las paradojas de la comunicación

RESUMEN

El artículo analiza las paradojas de la comunicación humana en su dimensión pragmática a partir de un corpus variado compuesto por piezas de publicidad, canciones populares, etc. Antes del análisis, se hizo una contextualización sobre la importancia de las investigaciones desarrolladas en la Escuela de Palo Alto con respecto a la perspectiva sistémica de el proceso de comunicación y las peculiaridades de las paradojas de la comunicación en su dimensión pragmática, es decir, sobre las patologías psiquiátricas que pueden activarse a partir de estos eventos. Después del análisis, es posible argumentar sobre la complejidad de la comunicación, que debe entenderse como un proceso rotativo y multidimensional, muchas veces compuesto por un fuerte contenido contradictorio, que repercute directamente en el comportamiento de los agentes en contextos de interacción.

Palabras clave: Escuela de Palo Alto. Nueva Comunicación. Pragmática de la Comunicación. Paradojas de la Comunicación.

Recebido em: 30/10/2017

Aceito em: 04/12/2017